



Revista Organizações & Sociedade
2022, 29(101), 252-262

© Autor(es) 2022

DOI 10.1590/1984-92302022v29n0010PT

ISSN 1984-9230

www.revistaoes.ufba.br

NPGA, Escola de Administração

Universidade Federal da Bahia

Editorial

Poesia na Pesquisa em Administração

Cláudia Simone Antonello^a

Eduardo Paes Barreto Davel^b

^a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

^b Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil

Resumo

A poesia pode contribuir para o avanço da pesquisa em administração. Para refletir sobre a poesia como caminho para regenerar a pesquisa em administração, vamos entender sobre os modos de pesquisar e a constituição do(a) pesquisador(a). A poesia é uma forma de iniciar a construção de sentido e, ao mesmo tempo, um mecanismo de enfrentamento, enquanto forma de reexistir para não *dexistir*. A representação poética de vidas não constitui um fim em si mesma. O objetivo é político: mudar a maneira como pensamos as pessoas e suas vidas nas organizações, usando o formato poético. O pesquisador-poeta torna o mundo visível a partir de novas perspectivas e entendimentos, evidenciando uma responsabilidade ético-política no que diz respeito ao poético. A poesia pode ultrapassar as formas prescritas de leitura, escrita, de compreender e 'fazer' organizações e administração, conectando-se a considerações éticas de voz e dinâmicas de poder.

Palavras-chave: poesia; poética; pesquisa; ética.

Introdução

Quando meus pés
abrandarem na marcha,
por favor,
não me forcem.
Caminhar para quê?
Deixem-me quedar,
deixem-me quieta,
na aparente inércia.
Nem todo viandante
anda estradas,
há mundos submersos,
que só o silêncio
da poesia penetra.
(Evaristo, 2017, p. 18)

A poesia tem feito parte da pesquisa em administração há algum tempo. Ela vem sendo analisada de diversas maneiras: (a) como meio de melhorar a prática organizacional e gerencial (Morgan, Lange, & Buswick, 2010), (b) como forma de compreender organizações, gestão e empreendedorismo (Darmer, 2000; Kostera, 1997; Smith, 2015), (c) como maneira de injetar criatividade nas organizações e na gestão (Grisoni, 2008), (d) como recurso para compreender e/ou desenvolver pesquisa sobre organizações e gestão (Darmer, 2006), (e) e como caminho para instigar a aprendizagem e a prática educacional da administração (Gallos, 1997; Bilimoria, 1999, Höpfl, 1994). Apesar de não ser assunto novo, entendemos que a poesia pode estimular e sofisticar a prática de pesquisa em administração. Como forma especial de narrativa, a poesia permanece nas margens da administração (Darmer & Grisoni, 2011). Entretanto, assim como a poesia e a linguagem poética, as margens expressam poderes persuasivos e rompedores da ordem vigente (Kristeva, 1984; Höpfl, 1994).

Neste editorial, apostamos no poder da poesia para a regeneração das organizações, mas, principalmente, para o avanço na pesquisa em administração. Poesia requer comprometimento, afeto, intuição e imaginação do seu autor, pois deve fazer sentido para os leitores não somente em termos de palavras, mas também para além delas, em termos de metáforas e musicalidade. Ela nos convida a reinventar ou, pelo menos, repensar nossos modelos, na medida em que inclui a dúvida, o paradoxo e a contradição, transformando-os em ideias lindas sobre a existência humana (Bachani, 2021). Com efeito, pesquisadores poéticos exploram como o uso vibrante da linguagem (metáforas, histórias, ironia, imaginação etc.) proporciona a construção de experiências e sentidos compartilhados (Cunliffe, 2002).

Modos de pesquisar, existir e criar

Para refletir sobre a poesia como caminho para regenerar a pesquisa em administração, vamos entender sobre os modos de pesquisar e a constituição do(a) pesquisador(a). Uma dissertação, um doutorado, uma história, uma vida, um projeto de pesquisa e até um país precisam

ser instaurados para existirem minimamente. Intensificando a existência e a presença, essas instaurações requerem trabalho do(a) pesquisador(a), que se entrega à responsabilidade decorrente delas. Um modo de existência “é uma maneira de fazer existir um ser em um dado plano” (Lapoujade, 2017, p. 14). Instaurar não é representar para nós mesmos aonde queremos chegar e, posteriormente, mero ato de mobilização dos meios e recursos pelos quais esse fim poderá ser realizado. Instaurar refere-se à maneira como se conquista algo paulatinamente (Souriau 2021). Presenças e existências precisam ser conquistadas, pouco a pouco.

Por que a instauração? Cada existência consiste em um gesto que ela instaura, se entendemos a instauração como o ato, imanente ao acontecimento, de trazer um modo à existência (Lapoujade, 2017), pois nossas experiências únicas, íntimas, imediatas e diretas é o que temos à nossa disposição (Souriau, 2015). Ao passo que o termo **fazer** refere-se à instância na qual, por meio de nossa energia pessoal, assumimos a responsabilidade pelo vir a ser, pelo vir a existir, pela instauração de algo tão concreto e pleno quanto for possível. Habitualmente, o fazer é assolado por uma espécie de assombração, a da obra a-ser-feita, outra presença fundamental. Na pós-graduação, algumas das nossas assombrações podem ser a dissertação, a tese, uma linha de pesquisa. Para fazer pesquisa, pesquisadores precisarão instaurar, suficientemente, o próprio caminho. A instauração é a chave das existências, pois remete à incompletude existencial de tudo (Souriau, 2015).

A ideia de inconclusão da vida exige um ato de responsabilização pelo mundo. Ou seja, exige uma responsabilização pelo fazer a obra por fazer, pelo ato mesmo de instaurar. Nada existe por si, tudo precisa ser completado. “Nada nos é dado, nem nós mesmos, senão sob uma espécie de meia-luz, uma penumbra na qual apenas a incompletude pode ser compreendida, onde nada possui presença plena ou realização” (Souriau, 2015, p. 220). Instauração e inacabamento são duas forças que se manifestam concomitantemente em favor da criação de pensamento. Por esse motivo, a discussão estética sobre criação e afirmação de modos de existência, por remeter à responsabilidade diante da instauração de mundos, é indissociável de uma problematização, simultaneamente, política e ética, inclusive em nossos modos de pesquisar.

Como a ciência consegue dar conta de tudo e o conhecimento deriva do agir ético, estético e político do(a) pesquisador(a), dizer conhecer algo não expressa que sabemos tudo acerca do que se constitui objeto. Todavia, o ato de conhecer também nasce das fissuras e inquietações que sentimos, encarnadas em nossas questões de pesquisa (Fonseca, 2019). Uma ética da escuta, da atenção e da coexistência nos remete à noção de sujeito à ação e não mais de sujeito da ação. Dessa forma, será a obra a-ser-feita quem sujeita a pessoa que se põe a instaurá-la (Jacques, 2019), intensificando o significado de responsabilidade, no duplo sentido, de corresponsabilidade e responsividade no ato de pesquisar.

Trata-se de uma renovação da metáfora arte-vida. Isso quer dizer que uma tese, uma dissertação ou uma pesquisa não será a obra acabada, mas parte dessa jornada. O trabalho de instauração da obra a-ser-feita é o mesmo trabalho de instauração da vida a-ser-vivida. Então, quando falamos de uma trajetória acadêmica não estamos falando apenas de escolhas teóricas, do campo empírico, metodologias de trabalho, mas também de instaurar um caminho relacionado a modos de vida. A arte, tomada por seu empreendimento (trabalho) de instauração (da obra), se faz aqui metáfora viva da vida. E, se a obra é a própria jornada, podemos dizer que certas obras tomam toda uma vida (Souriau, 2015).

As provocações de ordem filosófica de Souriau (2015) nos conduzem a um campo profícuo de pensar e operar criticamente outras modalidades de pensamento investigativo, colocando em pauta as possibilidades de pesquisar com nuances diferentes da ideia fundante e balizadora de cisão entre sujeito e objeto, ciências e natureza. Ao problematizarmos a pesquisa no campo da administração, considerando os modos de existência, permitimo-nos outros processos instaurativos de pesquisa. Assim, passamos a nos interrogar como conferimos existência aos nossos problemas de investigação, e tomamos o problema em seu modo de existir, sua historicidade, temporalidade e espacialidade. No território específico da pesquisa em administração, compreendido como um ato inventivo e poético de criação, a instauração de um problema de investigação é precedida pela instauração de um modo de pensamento, que implica uma espécie de criação estética, germinando o encontro pulsante do(a) pesquisador(a) enquanto artista do pensamento com sua pesquisa-obra (Ribeiro, 2020).

A poesia no processo de pesquisa

A arte habita há séculos uma grande variedade de campos acadêmicos. Filósofos de diversas tradições, pensadores que trabalham com estética, estudiosas feministas, escritores etnográficos, ativistas e artistas, todos podem, em suas diversas e distintas formas de expressão, contribuir para pensarmos a arte e a estética no campo dos estudos organizacionais. De uma forma geral, métodos baseados em artes na pesquisa qualitativa são entendidos como um processo de incorporação das artes criativas para abordar questões de pesquisa e, em última instância, produzir alguma forma de representação artística na conclusão do estudo (Bhattacharya, 2017). Pesquisadores de diferentes disciplinas usam essa abordagem durante todas as fases da pesquisa social, para geração de dados, análise e representação (Leavy, 2015).

Estudiosos que incorporam as artes em seu trabalho de pesquisa afirmam que esses métodos oferecem uma abordagem mais holística para investigação e que permitem aos pesquisadores lidar com as incertezas e o paradoxo da experiência (Moxley, 2013; Moxley & Feen, 2015). Métodos baseados nas artes oferecem a possibilidade de nos movimentarmos em múltiplas direções epistêmicas, produzindo conhecimento multidimensional (Bhattacharya, 2013) e multivocal. Ao conectar os mundos cognitivo e afetivo dos participantes da pesquisa e do(a) pesquisador(a), os métodos baseados em arte permitem que os pesquisadores se familiarizem com aqueles que procuram conhecer (Furman, Langer, & Davis, 2007).

Na história, em particular de alguns povos, é perceptível o incremento e incentivo à ânsia de consumo do que é material e da natureza, dilapidando as subjetividades, que também se tornam objetos de mero consumo. Pensar em ampliar nosso horizonte existencial implica enriquecermos nossas subjetividades, pelo menos sermos capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. Então, podemos pensar como alternativa de resistência, entre outras, a capacidade de sustentar uma visão poética da existência (Krenak, 2019). Atentos à provocação de Krenak, nosso enfoque recai sobre as potencialidades da poesia e da poética para nos permitir repensar e instaurar processos acadêmicos em relação à criação de pesquisa enquanto produção de um conhecimento relacional (Meriläinen, Salmela, & Valtonen, 2021).

O nosso tempo é especialista em criar ausências (Santos, 2002). Especialista em criar ausência de subjetividade (Krenak, 2019), silenciamentos e invisibilizações como estratégia de

aniquilamento. Mantermos nossas visões e nossas poéticas nos leva a pensar em uma nova relação da pesquisa com a poesia, não com o intuito de obter respostas definitivas às questões relacionadas às inúmeras crises econômicas e socioambientais em curso, mas, ao menos, para pensarmos na direção do que pode ser feito, pensar em instaurações (Krenak, 2019; Souriau, 2015). Como instaurar verdades não mais universais que exterminam mundos considerados ilusórios (ausentes, invisíveis), mas que reconheçam a pluralidade de modos de existir e negociem a participação de novos atores em sua fabricação? Como pensar em uma nova relação da pesquisa no campo dos estudos organizacionais com a poesia, que não se reduza à reflexão poética minimalista, mas que possa vir a (re)fazer o mundo? Para responder, ao menos parcialmente, essas indagações, vamos refletir com Dias e Oliveira:

Vem, escuta, as linhas são infinitas e suas ecologias sempre futuras, alegremente imprevisíveis. Seus modos de estar junto são múltiplos e estão sempre se fazendo e desfazendo, com coisas vindas de qualquer lugar. Coisas que vêm sempre com seus fios soltos e pedem para seguir: ora desmanchar, ora entrecruzar, ou continuar em trançados inusitados. A cada passagem as coisas pedem para avançar numa profusão de conexões e direções. Seguir as linhas é sempre passar de uma coisa a outra, dos artigos ao tear, do tear ao poema, do poema ao livrinho, do livrinho à fala, da fala à teia, da teia à dança, da dança à fotografia, da fotografia ao altar, do altar ao bordado, do bordado à escultura, da escultura à escrita... Num incessante experimentar a arte de existir no relançamento entrelinhas e aprender a escutar as vibrações de um tear sensível que há entre as coisas-seres-dos-mundos, sempre aberto, inconcluso e em constante transmutação. (Dias & Oliveira, 2019, p. 224)

A poesia tem sido reconhecida em relação à poiese, 'fazer' no sentido souriano, refazer ou, até mesmo, revolução (Threadgold, 1997). Poiesis também pode significar trazer à luz, um limiar de devir, um verbo que dá vida (Whitehead, 2003). É uma forma de iniciar a construção de sentido e, ao mesmo tempo, um mecanismo de enfrentamento enquanto forma de reexistir para não *dexistir*. "Portanto, re-existir é um gesto político cuja ética busca uma mudança social tanto menos ambiciosa quanto mais sensível" (Arruda & Fonseca, 2018, p. 217). Essa prática evidencia a relacionalidade do como fazer com, do pesquisar com e para as pessoas (Haraway, 2016). A poesia no resgate da sensibilidade tem suas próprias qualidades, acomodando-se à matéria e ao tempo, ao humano e a outros não humanos.

Poesia como pesquisa? Sim, isso mesmo! A representação poética de vidas não constitui um fim em si mesma. O objetivo é político: mudar a maneira como pensamos as pessoas e suas vidas, usando o formato poético-performativo. O poeta torna o mundo visível a partir de novas perspectivas e entendimentos, indo além do que a escrita científica nem sempre permite (Denzin, 2017), evidenciando uma responsabilidade ético-política do(a) pesquisador(a) no que diz respeito ao poético.

Poesia como via de estimular a reflexividade e visão crítica

Entre as inúmeras modalidades e vertentes, um dos segmentos de pesquisa baseada na arte tem como proposta uma abordagem crítica. Esse tipo de método, que preza pela visão crítica, domina nossa imaginação, apodera-se de nossas almas e, descaradamente, se esforça para afetar nossos próprios modos de viver, ser e coexistir, como pesquisadores(as), como cientistas sociais, como pessoas. Transforma nossas identidades e oferece novas maneiras de expressá-las (Finley, 2018). Uma pesquisa deliberadamente transformadora nos inspira à reflexão e nos conduz à ação ética e política necessária para iniciar uma mudança positiva em nossas interações sociais. A arte é um aspecto essencial da cultura, muitas vezes utilizada como um mecanismo de sobrevivência para aqueles que sofrem opressão. Pode trazer visibilidade para as condições que criam opressão, tornando-as estratégias valiosas para desafiar desigualdades sociais (Moxley, 2013, Corley, 2020). As pesquisas críticas baseadas em artes fazem uso intencional da imaginação (Faulkner, 2017; Corley, 2020; Prince, 2021). Revela-se como uma metodologia de pesquisa performativa que se estrutura na noção de possibilidade de uma tradição de pesquisa pós-colonial, pluralista, ética e transformadora.

A investigação poética é uma forma de método de expressão narrativa baseada nas artes, com presença crescente na pesquisa qualitativa (Krahn, 2018), que auxilia os pesquisadores a mergulharem em profundidade e no emaranhado das complexidades das realidades que pesquisam. É uma forma alternativa de representar o material de pesquisa que combina a arte de fazer poesia com os princípios da pesquisa qualitativa. A natureza condensada e evocativa dos poemas pode ampliar nossa lente subjetiva e ajudar a chamar a atenção para a compreensão dos outros com mais clareza (Colby & Bodily, 2018). Uma característica valiosa das representações poéticas é sua capacidade de envolver leitores em análises reflexivas – a prática de examinar e documentar criticamente a posição fluida e as experiências do pesquisador dentro da pesquisa (Boylorn, 2011; Moxley & Feen, 2015). A reflexão da escrita modifica a relação sujeito/objeto. A escrita é imanente (Deleuze, 2013) ao invés de transcendente. A escrita é a modificação do texto simultânea à sua criação e destruição.

A poesia como um método baseado nas artes pode ser empregada isoladamente ou em combinação com outros métodos de investigação como um ato de resistência criativa, para habitar o entre, oferecendo vozes alternativas para as narrativas dominantes, comunicadas por instituições de poder interconectadas (Prince, 2021). Poesia, em suas muitas formas e articulações, pode ultrapassar as formas prescritas de leitura, escrita, de compreender e 'fazer' organizações e administração. Como tal, também está conectada a considerações éticas de voz e dinâmicas de poder.

Qual é o futuro da poesia na pesquisa futura em administração?

Desde o início da crise sanitária, vários periódicos nacionais e internacionais têm procurado inserir em seus editoriais e publicações discussões acerca de como as pesquisas podem buscar fazer a diferença no contexto de crise. Buscam ampliar a compreensão do impacto da pesquisa, referindo-se ao impacto acadêmico, prático, social, político ou educacional. O enfoque recai em agendas de pesquisa que contribuam para os desafios que a sociedade vem enfrentando. Dessa forma, no campo da administração, com uma orientação para o que se constitui importante e para problemas

relacionados às questões sociais, administradores(as) e estudiosos(as) da administração estão sendo convocados(as) pela sociedade para conferirem atenção a amplas questões de justiça social, mudança climática, migração e, mais recentemente, a desigualdades sociais amplificadas por uma pandemia global.

Consequentemente, lançamos duas reflexões: (a) por que a instauração? e (b) por que poesia como pesquisa? A expectativa é de provocar e instigar o uso da poesia na pesquisa em administração como uma possibilidade concreta de aproximação e coexistência com práticas mais tradicionais de investigação acadêmica. Falamos de uma pesquisa que instaure novos modos de existência, que influencie por meio de formas e canais multifacetados como as pessoas e as organizações pensam, sentem e realizam. Evidentemente, a poesia é livre e não se prende a um único propósito ou segue um só conceito ou pensamento. A poesia sempre se torna maior do que o propósito para o qual foi concebida.

O uso da poesia na pesquisa em administração pode sugerir, equivocadamente, a ideia de impossibilidade de definir método, dado que ela é um fluxo de singularidades que coexistem. Entretanto, nesse fluxo de singularidades, guardadas as devidas proporções, carregam consigo, acreditamos, potências para lidar com certas liberdades em demanda de uma forma de pensar e pesquisar mais empática, criativa, inovadora, generosa e potente. Certamente exigirá atrevimento e desprendimento para extravasar conceitos por fissuras talhadas no tecido do pensamento tradicional. Por outro lado, esse modo de pesquisar pode abrir infinitos poros, rasgos, brechas e lançar luz no tecido social invisibilizado ou silenciado. Se fizermos isso, possivelmente estaríamos falando sobre e constituindo o conhecimento inclusivo. Como vimos anteriormente, presenças e existências precisam ser conquistadas pela obra a-ser-feita.

Qual é o futuro da poesia na pesquisa em administração? Essa questão pode ser respondida com outra questão: quais são suas práticas de pesquisar e de fazer mudar o mundo?

Deserto da língua
Esquadrinhei . . . escavei . . . e escavei . . .
Me afoguei no mar de palavras
Sons, sonoridades
Voz muda
Silêncios ruidosos
O céu caiu sobre meus ombros
Dobras, Entre tudo, entre tanto, entre linhas, nos entres
Emaranhei entrevidas
. . . salva pelas magias,
agora respirando graças às bruxas e feitiçarias que habitam meus gestos e existências
Vespa e orquídea
Sigamos presença, instaurando.
(Antonello, 2022, original para este editorial)

Referências

- Arruda, M. A. P., & Fonseca, T. M. G. (2018). Existência enquanto re-existência em tempos de medo. *Mnemosine*, 14(2), 206-218. Recuperado de <https://bit.ly/3GNLFz2>
- Bachani, J. (2021). Poetry for organizing. *Organizational Aesthetics*, 10(1), 1-8. Recuperado de <https://bit.ly/3gKQYEW>
- Bhattacharya, K. (2013). Voices, silences, and telling secrets: the role of qualitative methods in arts-based research. *International Review of Qualitative Research*, 6(4), 604-627. doi:10.1525/irqr.2013.6.4.604
- Bhattacharya, K. (2017). *Fundamentals of qualitative research: a practical guide*. New York: Taylor & Francis.
- Bilimoria, D. (1999). Management education's neglected charge: inspiring passion and poetry. *Journal of Management Education*, 23(5), 464-466. doi:10.1177/105256299902300502
- Boylorn, R. M. (2011). Gray or for colored girls who are tired of chasing rainbows: race and reflexivity. *Cultural Studies Critical Methodologies*, 11(2), 178-186. doi:10.1177/1532708611401336
- Colby, S. R., & Bodily, B. H. (2018). Poetic possibilities: exploring texts with Ricoeur's hermeneutics. *International Review of Qualitative Research*, 11(2), 162-177. doi:10.1525/irqr.2018.11.2.162
- Corley, N. (2020). Exploring poetry as method: "Representing faithfully" the narratives of African American high school students and their mothers. *Qualitative Social Work*, 19(5-6), 1022-1039. doi:10.1177/1473325019888010
- Cunliffe, A. L. (2002). Social poetics as management inquiry: a dialogical approach. *Journal of Management Inquiry*, 11(2), 128-146. doi:10.1177/10592602011002006
- Darmer, P. (2000). The subject(ivity) of Management. *Journal of Organizational Change Management*, 13(4), 334-351. doi:10.1108/09534810010339022
- Darmer, P. (2006). Poetry as a way to inspire (the management of) the research process. *Management Decision*, 44(4), 551-560. doi:10.1108/00251740610663072
- Darmer, P., & Grisoni, L. (2011). The opportunity of poetry: report about poetry in organizing and managing. *Tamara: Journal for Critical Organization Inquiry*, 9(1-2), 5-13. Recuperado de <https://bit.ly/3Lyy02r>
- Deleuze, G. (2013). *Conversações* (3a ed.). São Paulo, SP: Editora 34.
- Denzin, N. K. (2017). The pragmatics of publishing the experimental text. In P. Leavy (Ed.), *Handbook of arts-based research* (pp. 673-688). New York: Guilford Press.
- Dias, S. O., & Oliveira, T. (2019). Da vida por um fio ao mundo como um infinito tecer(-se). In S. O. Dias, S. Wiedemann, & A. C. R. Amorim (Orgs.), *Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e...* (pp. 221-233). Campinas, SP: ALB.
- Evaristo, C. (2017). *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro, RJ: Malê.
- Faulkner, S. L. (2017). Poetry is politics: na autoethnographic poetry manifesto. *International*

Review of Qualitative Research, 10(1), 89-96. doi:10.1525/irqr.2017.10.1.89

- Finley, S. (2018). Critical arts-based inquiry: performances of resistance politics. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 561-575). Los Angeles: Sage Publications.
- Fonseca, T. M. G. (2019). A psicologia em tempos extremos. *Polis e Psique*, 9, 171-179. doi:10.22456/2238-152X.98741
- Furman, R., Langer, C. L., Davis C. S., Gallardo, H. P., & Kulkarni S. (2007). Expressive, research and reflective poetry as qualitative inquiry: a study of adolescent identity. *Qualitative Research*, 7(3), 301-315. doi:10.1177/1468794107078511
- Gallos, J. V. (1997). On poetry and the soul of management education. *Journal of Management Education*, 21(3), 281-283. Recuperado de <https://bit.ly/3HOKRet>
- Grisoni, L. (2008). Poetry. In M. Broussine (Ed.), *Creative methods in organizational research* (pp. 108-127). Los Angeles: Sage Publications.
- Haraway, D. (2016). *Staying with the trouble: making Kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press.
- Höpfl, H. (1994). Learning by heart: the rules of rhetoric and the poetics of experience. *Management Learning*, 25(3), 463-474. doi:10.1177/135050769402500305
- Jacques, R. (2019). O trabalho de instauração sob a esfinge da obra a-ser-feita na floresta dos virtuais: uma introdução à filosofia de Étienne Souriau. *Gesto, Imagem e Som – Revista de Antropologia*, 4(1), 337-353. doi:10.11606/issn.2525-3123.gis.2019.151822
- Kostera, M. (1997). Personal performatives: collecting poetic definitions of management. *Organization*, 4(3), 345-353. doi:10.1177/135050849743003
- Krahn, E. (2018). Storytelling, poetry, writing, and the art of metaphor. In T. Heinonen, D. Halonen, & E. Krahn (Eds.), *Expressive arts for social work and social change* (pp. 76-104). New York: Oxford University Press.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Kristeva, J. (1984). *Revolution in poetic language*. New York: Columbia University Press.
- Lapoujade, D. (2017). *As existências mínimas*. São Paulo, SP: N-1 edições.
- Leavy, P. (2015). *Method meets art: arts-based research practice*. New York: Guilford Publications.
- Meriläinen, S., Salmela, T., & Valtonen, A. (2021). Vulnerable relational knowing that matters. *Gender, Work & Organization*, 29(1), 79-91. doi:10.1111/gwao.12730
- Morgan, C., Lange, K., & Buswick, T. (2010). *What poetry brings to business*. Michigan: The University of Michigan Press.
- Moxley, D. P. (2013). Incorporating art-making into the cultural practice of social work. *Journal of Ethnic and Cultural Diversity in Social Work*, 22(3-4), 235-255. doi:10.1080/15313204.2013.843136
- Moxley, D. P., & Feen, H. (2015). Arts-inspired design in the development of helping interventions

in social work: implications for the integration of research and practice. *The British Journal of Social Work*, 46(6), 1690-1707. doi:10.1093/bjsw/bcv087

Prince, C. (2021). Experiments in methodology: sensory and poetic threads of inquiry, resistance, and transformation. *Qualitative Inquiry*, 28(1), 94-107. doi:10.1177/10778004211014611

Ribeiro, C. R. (2020). "Modos de existência" como dispositivo teórico-conceitual: contribuições de Michel Foucault e Étienne Souriau à pesquisa educacional. *Educação Temática Digital*, 22(4), 912-930. doi:10.20396/etd.v22i4.8655333

Santos, B. S. (2002). Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, 237-280. doi:10.4000/rccs.1285

Smith, R. (2015). Entrepreneurship and poetry: analyzing an aesthetic dimension. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 22(3), 450-472. Doi:10.1108/JSBED-09-2012-0103

Souriau, É. (2015). *The different modes of existence*. Minneapolis: Univocal Publishing.

Threadgold, T. (1997). *Feminist poetics: poiesis, performance, histories*. London: Routledge.

Whitehead, D. (2003). Poiesis and art-making: a way of letting-be. *Contemporary Aesthetics*, 1, 1-5. Recuperado de <https://bit.ly/3BkOzKt>

Autoria

Cláudia Simone Antonello

Doutora em administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora na Escola de Administração da UFRGS. Editora associada da revista Organizações & Sociedade para o eixo Organizações, Aprendizagem e Conhecimento. Pesquisa e publica sobre formação e pesquisa em administração, aprendizagem nas organizações, abordagens críticas relacionadas à constituição de saberes, de práticas e do trabalho em diferentes espaços organizativos.

E-mail: claudia.antonello@ufrgs.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9654-5125>

Eduardo Paes Barreto Davel

Doutor em administração pela École des Hautes Études Commerciales de Montréal (Canadá), com pós-doutorado em administração pela Nova School of Business and Economics da Universidade Nova de Lisboa (Portugal). Professor na Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Editor-chefe da revista Organizações & Sociedade. Pesquisa e publica sobre empreendedorismo cultural, gestão do processo criativo, ensino, metodologia, aprendizagem, cultura e estética nas organizações.

E-mail: davel.eduardo@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0610-6474>

Contribuição dos autores

Primeira autora: concepção (igual), investigação (igual), redação – rascunho original (igual).

Segundo autor: concepção (igual), investigação (igual), redação – rascunho original (igual).

A O&S é signatária do DORA (The Declaration on Research Assessment) e do COPE (Committee on Publication Ethics).



Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional